

WHITEHEAD, Alfred North, *A Ciência e o mundo moderno*. Trad. Hermann Herbert Watzlawskied. Ed. Paulus, São Paulo, 2006, col. Philosophica, 264p.

Em treze capítulos, Alfred North Whitehead desenvolve sua reflexão sobre a ciência e o mundo moderno na obra acima citada. Filósofo, físico, matemático já conhecido entre nós por alguns textos já traduzidos, esse inglês, nascido em 1861, foi professor em Cambridge e em Londres, além de ter ensinado nos EUA, em Harvard. Sua obra mais conhecida, escrita em conjunto com Bertrand Russel, seu ex-aluno, é *Principia Mathematica*. Whitehead foi, também, um amante dos estudos da Antiguidade clássica, e essa obra agora traduzida pela editora Paulus, em nova coleção muito bem vinda – PHILOSOPHICA – deve ser lida pelos investigadores quer de Filosofia, quer de Física ou Matemática (e não só...).

Whitehad escreve de modo claro sobre assuntos difíceis, o que sinaliza intimidade com temas fundamentais para o pensamento: origens da ciência, teoria dos *quanta*, Ciência e Filosofia, Ciência e Religião, Deus: são alguns desses temas que se vão amarrando nesses treze capítulos.

Em 1925, escreve o Prefácio de *A Ciência e o mundo moderno*, e indica sua intenção de marcar alguns aspectos da cultura ocidental a partir de uma certa visão de mundo que vem sendo organizada nestes três últimos séculos. O filósofo reúne oito conferências dadas em Lowell, aumentadas e revisadas por ele, além de outras, proferidas na Brown University e na Harvard. Dado seu interesse pelas origens do nosso atual pensamento científico – que ele detecta na ruptura da hegemonia medieval cristã –, passeia pela Grécia “mãe da Europa” (p. 20), na busca de esclarecimento para nossa leitura da natureza posta em nova ordem.

Ciência e Tecnologia unidas, ele já as vê na prática beneditina medieval (p.30), e considera a Matemática como “divina loucura do espírito humano” (p. 37). Aponta para uma espécie de Estética da Lógica por meio da noção forte de Harmonia, que podemos estudar desde Pitágoras e que está presente em novo modo no sistema moderno da leitura da natureza. De Bruno a Galileu, de Newton aos *quanta*, e lá se vão

dois séculos de organização de uma visão de mundo (XVI a XVIII).

O século XIX (cap.VI), com a Revolução Industrial e a preparação para novas concepções sobre energia, leva-o à indagação sobre a força da pergunta “o que é algo”, uma pergunta pertinente à Metafísica, mas não à Nova Ciência emergente. Como a Filosofia pensa essa enorme transformação? Como ancorar o “Eu” na visão contemporânea da natureza? É este o problema, afinal, a refletir: a marcha da Metafísica, segundo Whitehead, desde o Primeiro Motor aristotélico à afirmação de que “...Deus não é concreto, mas é base da realidade concreta. Nenhuma razão pode ser dada para a natureza de Deus porque essa natureza é a base da racionalidade, diz ele (p. 22), indicando um beco sem saída, ao menos do ponto de vista do *lógos* (em amplo sentido).

É interessante como Whitehead pode afirmar a unidade, a ordem universal, usando dos valores Bem-

Mal: “...O mal é a força motriz pura e simples do propósito fragmentário, que não leva em conta a visão eterna. O mal domina, retarda, prejudica... (p. 236). A ressonância é claramente platônica. E ainda surpreende que ele considere, no seu último capítulo, a necessidade de o homem não abandonar, na aventura de seu espírito, a beleza da ordenação e da amizade:

Todos os organismos exigem um ambiente de amigos, parte para defender-se de mudanças violentas, parte para suprir as suas necessidades. O Evangelho da força é incompreensível com a vida social. Entendo por “força” o antagonismo na mais geral acepção. (p. 253)

Whitehead faleceu em 1947, dois anos após o fim da Segunda Guerra Mundial. Essa informação não é simplesmente algo sobre efemérides.

Rachel Gazolla  
PUC-SP  
rachelgazolla@gmail.com